

“Imigrantes do bem”? O CHEGA entre a retórica anti-imigração e a busca do apoio dos evangélicos (neo)pentecostais brasileiros

Bruno Gazalle Cavichioli
Universidade Federal do Pampa

1 Introdução

Esta investigação analisa o impacto do apoio eleitoral conferido pelos brasileiros evangélicos – pentecostais e neopentecostais – imigrantes em Portugal ao partido português de extrema-direita CHEGA e se esse apoio influencia a retórica anti-imigração tradicionalmente adotada pelo partido em sua plataforma política.

A análise efetuada, sob metodologia qualitativa e quantitativa, foi embasada em fontes primárias – documentos e relatórios oficiais de governos e órgãos ligados aos governos do Brasil, de Portugal e da União Europeia – e secundárias – majoritariamente literatura especializada publicada em coletâneas organizadas por autores idôneos e de reconhecida expertise e revistas científicas cujas publicações são submetidas ao processo de duplo-cego.

A hipótese norteadora da investigação apontou que a necessidade de prospecção de eleitorado, por parte do CHEGA, e a identificação de um público-alvo apropriado e tendencialmente conservador na comunidade de imigrantes evangélicos (neo)pentecostais brasileiros radicados em Portugal permitiu que houvesse uma modulação da retórica do partido para atrair uma possível nova fonte de eleitorado.

Para lograr a consecução dos objetivos investigativos, o artigo foi dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, foi efetuada uma ‘radiografia’ dos evangélicos (neo)pentecostais no Brasil, mediante exposição do percurso histórico do surgimento do movimento pentecostal e de um breve perfil sociopolítico desse segmento. Em segundo lugar, foi explicado o processo de expansão transatlântica do (neo)pentecostalismo brasileiro para Portugal em suas diferentes fases de ocorrência. Em terceiro lugar, foi analisado como o partido político de extrema-direita CHEGA, detentor de uma costumeira retórica anti-imigração, está lidando com o delicado equilíbrio entre a manutenção dessa retórica para seu eleitorado autóctone e a necessidade de uma adaptação que proporcionou um deslocamento discursivo suficiente para abarcar essa diáspora imigrante brasileira com tendência a aumentar a base eleitoral do partido. Por derradeiro, foram apresentadas as considerações finais.

A pesquisa demonstrou que o perfil sociopolítico do imigrante brasileiro de denominação evangélica (neo)pentecostal é correspondente, em alguns níveis, à atual base eleitoral do CHEGA. Somando-se esse fato ao de que muitos brasileiros radicados em Portugal – entre eles os evangélicos (neo)pentecostais – obtêm benesses do Estatuto de Igualdade entre brasileiros e portugueses o direito à participação eleitoral, observadas certas condições, resta evidente que o CHEGA passou a enxergar nessa comunidade crescente uma forma de incrementar sua representação nos espaços de decisão

política, obrigando o partido a proceder a uma modulação parcial de sua retórica anti-imigração para incluir essa possível nova faixa de eleitorado.

Concluiu-se, portanto, que a necessidade de crescimento do CHEGA e a disponibilidade de um público eleitoralmente aproveitável como os evangélicos (neo)pentecostais proporcionaram, em seu conjunto, o deslocamento da retórica anti-imigração tradicional do partido para alvos alheios à comunidade brasileira, passando a ser voltado em desfavor de outras nacionalidades que anteriormente recebiam particular atenção de suas políticas.

2 Uma radiografia dos evangélicos (neo)pentecostais no Brasil

Inicialmente, em momento pregresso à análise e com a finalidade de efetuar a delimitação necessária ao enquadramento aqui proposto, compete trazer a ponderação de Gonçalves e Pedra (2017, p. 71-72) acerca da conceituação do termo 'evangélico':

Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, país com maior número de protestantes, no Brasil, o termo evangélico é utilizado para se referir tanto às denominações protestantes históricas — Luterana, Metodista, Batista, Presbiteriana, Episcopal, Congregacional etc. — quanto às pentecostais — Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional do Reino de Deus etc. [...]. Autores que se preocupam com o tema da religião, na maioria das vezes, diferenciam os evangélicos em duas categorias: protestantes históricos e pentecostais.

2

O pentecostalismo, embora originado do protestantismo histórico surgido no século XVI, tem um histórico mais recente. De acordo com Rodrigues e Silva (2014, p. 98):

A origem do Pentecostalismo de matriz protestante, inserido num contexto mais amplo de revivalismo religioso nos Estados Unidos (Holiness Movement), está directamente relacionado com um importante acontecimento religioso: em 1901, em Topeka (Kansas), um grupo de jovens estudantes e alguns docentes da escola bíblica Bethel College, que estavam num retiro espiritual, receberam o baptismo no/do Espírito Santo e começaram a falar em línguas (glossolalia). Este acontecimento reproduz, de certa forma, a descida do Espírito Santo, no dia de pentecostes, sobre os apóstolos e seguidores de Jesus Cristo [Actos 2: 1-4].

A chegada dos pentecostais no Brasil deu-se em três ondas: a primeira onda, em torno de 1910-1911, com a fundação da Assembleia de Deus pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg; a segunda onda, a partir 1950, com o surgimento do movimento Cruzada Nacional de Evangelização, o início da difusão do evangelismo por meio da rádio e a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular e; a terceira onda, a partir de 1970, com o surgimento do neopentecostalismo e fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Renascer em Cristo (1986) a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992) e a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998). Todas essas igrejas, insta salientar, foram fundadas por pastores brasileiros (Freston, 2001; Mariano, 2005; Gonçalves; Pedra, 2017).

A transformação dos evangélicos pentecostais em neopentecostais, fruto dessa terceira onda, é explicada por Mariano (2005, p. 7-8):

Mas são as igrejas neopentecostais [...], formadas a partir de meados da década de 70, que realizaram as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados. Na verdade, elas não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. E, como se não bastasse, passaram a priorizar a vida aqui e agora, em vez de enfatizar, como insistiam antes seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico desse mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial. O fato de relegarem a velha escatologia pentecostal para o segundo plano não significa que eles, crentes de todas as estirpes, inclusive os filiados às igrejas mais recentes, mais liberais e menos sectárias, deixaram, por um instante que seja, de desejar ardentemente as delícias do Paraíso prometido. Nada disso. Significa que, socializados nas inovadoras e materialistas doutrinas da Teologia da Prosperidade, mudaram sua prioridade. Tornaram-se, com respaldo e estímulo religiosos, mais imediatas e pragmáticos. Isto é, antes de irem viver eternamente ao lado de Deus, futuro para o qual se creem destinados, eles querem gozar ao máximo, com tudo a que têm direito e sem a menor culpa moral, esta vida e o que julgam haver de bom neste mundo.

Rodrigues e Silva (2014, p. 98) complementam o entendimento acerca do surgimento e expansão do neopentecostalismo, inicialmente para América Latina e África:

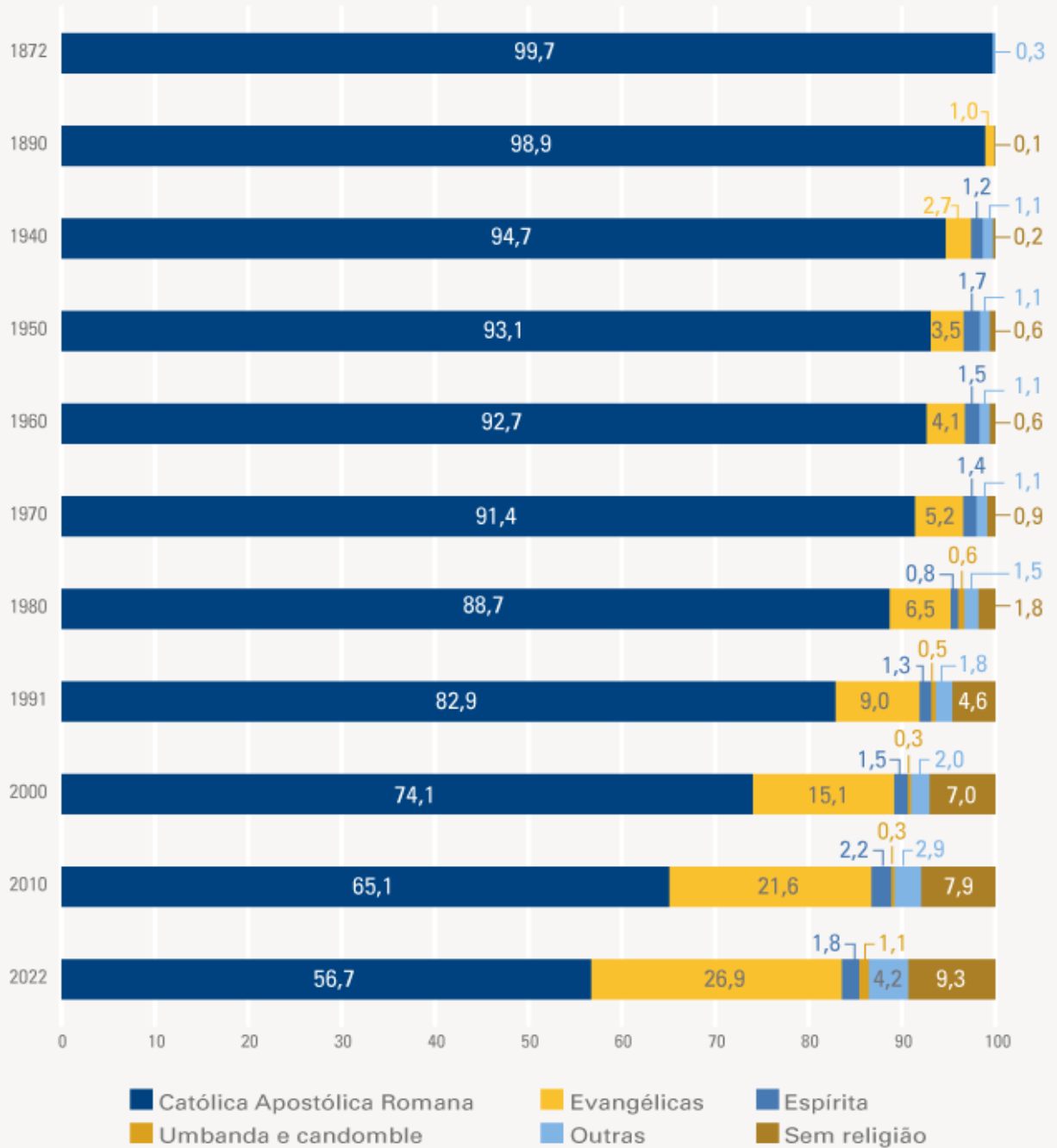
Na década de 1960, ocorre um reavivamento religioso no seio do próprio Pentecostalismo, denominado Neo-Pentecostalismo. A partir dos Estados Unidos, o Neopentecostalismo rapidamente se expandiu para diferentes regiões do globo, nomeadamente para a América Latina e África. A partir deste movimento religioso surgiram, nestas regiões, milhares de novas igrejas evangélicas. Como uma '*religion on the move*', ou seja, com forte mobilidade geográfica – de fiéis, igrejas e missionários [...] – é hoje um dos maiores e mais dinâmicos movimentos religiosos [...], sendo o Brasil o país com a maior concentração de pentecostais do mundo.

3

A partir da terceira onda o número de evangélicos (neo)pentecostais no país experimentou um aumento significativo e progressivo, tal como pode ser observado pelos registros do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

Distribuição da população de 10 anos ou mais (%)

Por grandes grupos de religião - Brasil 1872/2022



Nota: Os dados de 1872 e 1890 referem-se à totalidade da população, independente da idade.

Fonte: Censo Demográfico 2022



Esse crescimento expressivo da população evangélica¹ indica que, dentre os pouco mais de 203 milhões de habitantes registrados em 2022, o Brasil passou a contar com 47.418.024, ou seja, 26,9% da população brasileira e numericamente comparável à população total da Espanha ou mais de quatro vezes maior que a população de Portugal (Eurostat, 2024). Os dados do Censo Demográfico apontam também que esse percentual é ligeiramente maior – entre 27,5% e 28,9% – se considerada apenas a faixa etária entre 15 e 49 anos (IBGE, 2023).

No que concerne ao comportamento político² dos evangélicos (neo)pentecostais, muito embora não se possa falar de uma completa homogeneidade (Casalecchi; Coelho, 2024) ou, nas palavras de Rosas (2023, p. 77):

[...] nunca podemos cair na armadilha de acreditar que os fiéis votam em uníssono. Minha aposta é que eles votam com aqueles que performam maior aderência aos valores ligados à fé. E vão calibrando a bússola na busca de uma compatibilidade entre a identidade do que se pretende representante e as crenças, embora não devamos homogeneizar ou planificar esse universo de afetos, afinal, o campo dos valores cristãos, mesmo que rotulado de bíblico e eterno, está em constante construção.

Não obstante, é imprescindível destacar algumas características que pautam as preferências eleitorais de uma considerável parte desse grupo. Muito embora presentes na conjuntura social brasileira desde 1970, os neopentecostais reforçaram³ sua visibilidade na política a partir da crise institucional de 2013 e do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016, ainda que, anteriormente, já fizessem parte de bases eleitorais distintas. De acordo com Souza (2024, p. 22):

A partir de 2013, o cenário político e econômico brasileiro torna-se mais conflitivo e complexo e há vários eventos que contribuem para a ruptura de muitos segmentos sociais, antes base de apoio, com o PT. Nesse contexto, os evangélicos, que já eram um grupo numeroso e influente, passam a ocupar um papel de destaque no debate político. Alguns alinham-se com os ideais da direita conservadora na defesa de suas pautas morais e religiosas. Soma-se, a esse fator, a formação de uma subjetividade moldada pelo processo de evangelização pentecostal, com destaque para a Teologia da Prosperidade. A partir dessa teologia, parte dos evangélicos é estimulada a buscar o sucesso individual, rompendo com uma visão coletiva de conquistas sociais. Ademais, passam a assumir como prioridade uma visão moralista da sociedade e da política.

¹ O Censo Demográfico do IBGE não efetua diferenciações internas entre as vertentes evangélicas, considerando, para contagem, as vertentes protestantes históricas e as pentecostais como parte de um grande grupo (Vieceli, 2025).

² Contrariamente ao que o senso comum pode levar a entender, há uma racionalidade prática no que concerne ao voto neopentecostal. Segundo Maia (2006, p. 108): “ainda, considerando-se que grande parte dos fiéis evangélicos pertence às camadas de menor poder aquisitivo da população brasileira e que em suas comunidades, ao invés do Estado, quem realiza trabalhos comunitários são as Igrejas, parece bastante plausível que, mesmo que não concordem com o discurso das lideranças religiosas, os fiéis votem de acordo com a instituição que ali realiza atividades assistenciais benéficas para a comunidade. Seja em virtude do discurso religioso, seja em virtude do discurso laico, ou ainda, em virtude de uma análise das atividades locais, parece não haver nada de irracional na opção dos fiéis em votar de acordo com as Igrejas.

³ De acordo com Freston (2001), o período de intensificação de expansão da influência (neo)pentecostal durante a terceira onda pode ser traçado à compra da TV Record pela IURD em 1989, então quinta maior rede de televisão do país, como instrumento de expansão da pregação religiosa da entidade para a quase totalidade do país. A aquisição da TV Record fez parte da estratégia da entidade para o incremento da presença dos (neo)pentecostais no Congresso Nacional e, com o apoio da rede de televisão ao então candidato presidencial Fernando Collor, também para garantir uma contínua penetração política e estabilidade nas relações com o Estado.

Essa constatação é reforçada por Burity (2020, p. 201-202), que aponta para a evolução do posicionamento político-institucional dos evangélicos (neo)pentecostais:

Até fins dos anos 1970, apesar de seu grande crescimento numérico, o campo pentecostal se manteve à margem dessas iniciativas, considerando “suja” a atividade política, aferrando-se a uma combinação de ferrenho anticomunismo, quietismo participativo e apoio tácito ao governo instituído. Nem mesmo os primeiros anos da abertura política (1974-1978) alteraram o perfil discreto e passivo dos pentecostais. [...]. Há um amplo consenso na literatura de que as eleições para a Constituinte pós-ditadura, em 1986, marcaram uma quebra significativa e, até aqui, definitiva no perfil da presença política evangélica. A partir dessas eleições, definiram-se as principais características de uma modalidade de presença política sob domínio pentecostal: (a) corporativismo associado à construção de uma representação autônoma; (b) candidaturas oficiais, predominantemente clericais, sem “partido evangélico” próprio e com diversidade de opções partidárias, ainda que prevalentemente de centro-direita e direita; (c) sonho de eleger um presidente evangélico e de conseguir ter evangélicos em todas as posições-chave da vida pública; (d) perfil social popular da representação, com escolaridade abaixo da média do Congresso e predominância de pardos e pretos, embora paulatinamente privilegiando empresários (de vários portes), e com retórica destoante do estilo parlamentar dominante; (e) concentração em relativamente poucas igrejas bem-sucedidas – principalmente três, a Assembleia de Deus (AD), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), com variantes estratégicas, ao longo do período [...].

Entretanto, já a partir da crise institucional vivida em 2013, ocorreu um deslocamento aparentemente massivo da preferência eleitoral dos (neo)pentecostais – que até então haviam conferido um importante apoio aos governos de centro-esquerda do PT ou a outros que porventura estivessem no poder – em favor do apoio a candidatos situados na direita e na extrema-direita do espectro político, não necessariamente oriundos de suas próprias bases, que pareciam atender mais satisfatoriamente as pautas conservadoras⁴. Esse fenômeno foi observado não apenas a nível dos votos para o Executivo Federal, mas também, em grande quantidade, com relação aos votos para o Legislativo. Segundo Carranza (2020, p. 177-178):

Numa retrospectiva recente, observa-se que a conjuntura política das manifestações de 2013, do pós-eleição de 2014, e sobretudo no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e formação do governo Michel Temer, marcaram um dado novo no campo religioso brasileiro: a consolidação dos evangélicos e pentecostais como novos atores políticos no cenário brasileiro [...]. A força do ativismo político desses atores viu-se cristalizada, devido ao acúmulo, durante mais de três décadas, de participação de parlamentares autodenominados evangélicos e da organização em Frente Parlamentar e bancada evangélica, que não atua como bloco monolítico [...]. Tal experiência deflagra uma movimentação entre o poder Legislativo e poder Executivo, mobilização pastoral e da sociedade civil, e o uso maciço da mídia religiosa a serviço de duas frentes: uma demonização à esquerda política, antiesquerdismo – antipetismo, e a consolidação da direita cristã [...].

Como um dos resultados do processo de permeação de aspectos econômicos e ideológicos na formação das subjetividades dos evangélicos (neo)pentecostais, segundo Souza (2024), foi possível a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018 (Boas, 2020).

⁴ Sobre esse aspecto, Burity (2020, p. 206) pondera: “[...] não é o povo evangélico que está massivamente representado nessa elite parlamentar, mas um discurso sobre os evangélicos, articulado por lideranças pentecostais, que se tornou predominante e dirigente, para dentro e para fora do campo.

Efetuada essa “historiografia” da influência evangélica neopentecostal na política brasileira, resta, neste tópico, amear características em número e profundidade suficientes para conseguir uma “radiografia” operacionalizável desse grupo e de suas preferências político-eleitorais.

Em análise do perfil de comportamento político dos evangélicos (históricos e [neo]pentecostais), Casalecchi e Coelho (2024) identificaram como características acentuadas desses grupos em comparação com outras religiões: maior conservadorismo; menor compromisso com a democracia e o princípio da separação de poderes (maior entre os neopentecostais); um certo grau de autoritarismo (semelhante ao dos católicos).

3 (Neo)Pentecostalismo transatlântico

Sobre a implantação do (neo)pentecostalismo em Portugal, duas vertentes explicativas devem ser analisadas: a implantação endógena e a implantação exógena. Ambas as origens, no entanto, têm suas raízes no pentecostalismo e no neopentecostalismo brasileiros.

Endogenamente, insta salientar que, longe de ser uma inovação religiosa brasileira com destino à expansão transatlântica, o pentecostalismo esteve presente em Portugal, ao menos desde 1913, com a início das atividades de pregação que proporcionaram, em 1924, a fundação da primeira Assembleia de Deus no Algarve, por iniciativa de um português que havia frequentado cultos dessa instituição durante período no Brasil (Gracino Jr., 2014; Baptista, 2023).

A implantação exógena, mais recente, corresponde à expansão do neopentecostalismo brasileiro para Portugal, em especial da Igreja Universal do Reino de Deus, como parte de um movimento de (re)cristianização “[...] através do grande fluxo de emigrantes (muitos deles já evangélicos no momento da partida), mas também através de missionários [...]” (Rodrigues; Silva, 2014, p. 99). Conforme Rodrigues e Silva (2014, p. 98-99):

A forte expansão do neopentecostalismo a partir da América Latina e de África para a Europa ocorre dentro da denominada ‘reverse mission’ [...]. Surgidas a partir do trabalho de evangelização do continente americano e africano pelo protestantismo europeu (no início do século XVI) e do seu reavivamento religioso materializado no pentecostalismo norte-americano (no início do século XX), as novas igrejas pentecostais consideram-se responsáveis pela importante ‘missão divina’ de (re)cristianizar a Europa; anteriormente exportadora de instituições e doutrinas religiosas – e que passa hoje por um forte processo de secularização/laicização [...] – a Europa é hoje um território fértil para o trabalho missionário cristão oriundo preponderantemente de África e da América Latina [...]. O fenômeno migratório internacional, principalmente nas três últimas décadas, foi (e continua a ser) extremamente importante na criação, expansão, dispersão e globalização dos novos movimentos religiosos. Neste contexto, o Pentecostalismo desempenha um papel preponderante. O modelo de expansão segue normalmente as diásporas emigratórias, partindo das regiões (semi)periféricas – América Latina, África e Ásia – para áreas centrais, nomeadamente EUA/Canadá, Europa e Japão [...].

Esses movimentos, que começaram a ocorrer entre o final dos anos 1980 e começo dos 1990, enfrentaram resistências em terras lusitanas⁵. Conforme Gracino Jr. (2014, p. 485):

⁵ A resistência para a transnacionalização do pentecostalismo é explicada por Gracino Jr. (2011, p. 439), ao referir-se à questão das resistências lusitanas à expansão da IURD: “de um lado, temos uma classe média educada e anticlerical, que

[...] o caso português apresenta-se como paradigmático, não só pela assimetria do crescimento pentecostal em seu território, mas principalmente pelos intensos movimentos de contestação à implantação da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) ocorridos no norte de Portugal nos anos de 1990. O movimento anti-Iurd foi desencadeado, principalmente, após a tentativa frustrada de compra da sala de espetáculos Coliseu do Porto, em meados de 1995, estendeu-se por várias cidades do norte do país, só amenizando após a repercussão europeia do caso e a consequente intervenção do então presidente Mário Soares.

A despeito dessas resistências, o (neo)pentecostalismo conseguiu abrir suas primeiras frentes de atuação em uma faixa demográfica que não se via abarcada pelo catolicismo português dominante, os imigrantes, em especial os africanos. De acordo com Gracino Jr. (2014, p. 493-494):

Tal cenário abre uma ampla seara às igrejas pentecostais, em especial as de origem brasileira, principalmente por dois fatores: primeiro, porque se aproxima do manancial de crenças vernáculas dos imigrantes africanos, afinal, há muito o pentecostalismo brasileiro têm suas fronteiras permeadas por fluxos originários das crenças afro-brasileiras e do catolicismo popular; depois, pela própria origem imigrante dos pastores e missionários pentecostais, que facilita o contato e a identificação. Este último ponto torna-se mais relevante quando sabemos, [...], que a maioria dos jovens negros entre 15 e 29 anos não se identifica com os portugueses, mesmo os que nasceram em solo português, ou que nele habitam há mais de 10 anos [...].

Rodrigues e Silva (2014, p. 102) reforçam o entendimento sobre o público-alvo das igrejas neopentecostais brasileiras em solo português:

Oriundas directamente do Brasil – como é o caso da IURD, Deus é Amor, Assembleias de Deus e congregações cristãs – ou já criadas no contexto da diáspora, mas quase sempre sob a liderança de pastores brasileiros, as igrejas neopentecostais priorizam no trabalho de evangelização os seguintes grupos: imigrantes pobres, na sua grande maioria ilegais, em especial brasileiros e negros africanos de língua portuguesa, oriundos das ex-colónias (PALOPs); ciganos portugueses; e nacionais portugueses pobres. Portanto, o ‘público-alvo’ para a evangelização/conversão pertencem aos três segmentos que mais sofrem exclusão social.

Prova da expansão é que, segundo Gracino Jr. (2014), em 2005, dos cerca de 1.500 templos protestantes, ao menos 76% já era de natureza pentecostal ou neopentecostal. O processo de crescimento, a despeito de uma evidente representação majoritária do catolicismo na população portuguesa (80,2%), seguiu ocorrendo e, segundo o Censo de 2021, Portugal contava com pouco mais de 186 mil protestantes e evangélicos – pentecostais e neopentecostais –, ou seja, cerca de 2,17% da população total e cerca de 2.000 templos evangélicos (INE, 2022; Aliança Evangélica Portuguesa, 2023).

vê o crescimento de uma seita religiosa de origem brasileira como um retrocesso diante das perspectivas abertas a Portugal com sua entrada na União Europeia; de outro, toda uma sorte de pessoas que, frustradas com os rumos da economia portuguesa, veem nos brasileiros uma ameaça a seus empregos e a sua cultura”.

LOCAL DE RESIDÊNCIA À DATA DOS CENSOS [2021] (NUTS - 20213) ▾	PERÍODO DE REFERÊNCIA DOS DADOS											
	2021											
REGIÃO ▾	TOTAL	CATÓLICA	ORTODOXA	PROTESTANTE/EVANGÉLICA	TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	OUTRA CRISTÃ	BUDISTA	HINDU	JUDAICA	MUÇULMANA	OUTRA NÃO CRISTÃ	SEM RELIGIÃO
Portugal	8 781 900	7 043 016	60 381	168 632	63 609	90 948	16 757	19 471	2 910	38 486	24 369	1 237 130
Continente	8 370 885	6 618 064	59 585	183 133	61 261	88 869	16 393	19 353	2 850	38 238	23 877	1 211 575
Região Autónoma dos Açores	195 796	179 395	185	1 725	985	894	178	35	39	68	211	12 081
Região Autónoma da Madeira	215 227	195 557	631	1 969	1 363	1 392	276	65	30	172	279	13 474

Fonte: INE (2022)

Essa progressão, em um espaço de 10 anos entre os Censos de 2011 e 2021, é ainda mais surpreendente: em apenas uma década, o número de evangélicos praticamente triplicou, escalonando de 75 mil pessoas (0,84%) para mais de 186 mil (2,17%) (INE, 2022). Desse contingente, outras figuras também são interessantes: o relatório da Aliança Evangélica Portuguesa aponta que 38,1% dos pastores evangélicos em Portugal são brasileiros e que a nacionalidade brasileira corresponde a 81,6% do total de fiéis (Aliança Evangélica Portuguesa, 2023) e, a cada 10 brasileiros vivendo em Portugal, quatro são evangélicos (INE, 2022; Nunes, 2023).

Na qualidade de massa humana cuja proporção ultrapassa 2% da população total do país e que, ao menos parcialmente, tende ao conservadorismo, os evangélicos (neo)pentecostais não poderiam passar despercebidos de um ator político português cujos valores ele, em maior ou menor proporção, compartilha: o CHEGA.

4 O CHEGA⁶ entre a retórica anti-imigração⁷ e a necessidade de prospecção eleitoral

Fundado por André Ventura em 2019, o CHEGA, em seis anos, deixou de ser uma excisão radical do Partido Social Democrata para tornar-se a terceira maior agremiação política portuguesa, desafiando o bipartidarismo informal travado entre o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, vigente desde a Revolução dos Cravos (Pereira, 2023; Cavichioli; Silveira, 2024; Silveira; Cavichioli, 2025). Pereira (2023, p. 47) resume as características e posições do CHEGA, de acordo com os documentos partidários⁸:

Define-se como de direita, conservador, reformista, liberal e nacionalista, intitula-se como partido que zela pelo interesse da maioria e não do interesse de minorias. Em termos de imigração, defende um maior controle sobre esta, incluindo rever os acordos históricos com o Brasil, com os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e com o Timor-Leste. Com maior controle de imigração e restrição para atribuição da nacionalidade portuguesa, para proteger contra a descaracterização da cultura portuguesa nas presentes e futuras gerações. Também evitar o multiculturalismo português e europeu, inclusive negando nacionalidade a filhos de imigrantes ilegais nascidos em território nacional.

⁶ Também grafado "Chega!" ou "CHEGA!" em materiais publicitários próprios.

⁷ Para aprofundamento acerca do uso retórico da ameaça como instrumento político anti-imigração, ver: Silva e Lobo (2024).

⁸ Para aprofundamento, ver: CHEGA (s.d. [a]; s.d. [b]; s.d. [c]; 2021) e Cavichioli e Silveira (2024).

A ascensão do CHEGA em Portugal, inédita para qualquer partido político desse perfil, foi encaixada na categoria que Forti (2021; 2024) denomina de *Extrema-Direita 2.0*. De acordo com Forti (2024, p. 66):

A ascensão do Chega foi meteórica no quinquênio seguinte: nas eleições legislativas de 2022 subiu para 7,5%, elegendo 22 deputados, enquanto nas antecipadas de 2024, marcadas pelos escândalos de corrupção que envolveram o Partido Socialista, obteve mais de um milhão de votos, 18%, que se converteram em 50 deputados. Já em 2021, além disso, Ventura se apresentou às eleições presidenciais, conseguindo a terceira posição com 500 mil votos e 11,9%.

Dentre os posicionamentos do partido, conforme constantes em seus documentos oficiais analisados por Alves (2021) e Cavichioli e Silveira (2024), destacam-se dois que afetam diretamente o segmento social envolvido neste trabalho, ou seja, os evangélicos (neo)pentecostais: 1) o conservadorismo social e o tradicionalismo e; 2) o forte posicionamento contra a imigração, uma das peças-chave em sua vitrine política¹⁰ e parte do arsenal de temáticas que Mudde (2020) usualmente atribui às ultradireitas¹¹, juntamente com segurança, corrupção e política externa.

À primeira vista, é possível entender que o rechaço à imigração seria incompatível com o eventual apoio de estrangeiros – como os evangélicos (neo)pentecostais brasileiros – a uma plataforma política que beira ou é abertamente xenófoba, mas, como será explicado, alguns fatores servem como resposta à essa insólita relação: o *populismo religioso*, a ideia de excepcionalidade de parte da comunidade imigrante brasileira, o binômio entre necessidade de prospecção eleitoral por parte do CHEGA e possibilidade de voto por parte dos brasileiros legalmente residentes e, por fim, os interesses econômicos do CHEGA em obter financiamentos de campanha.

O primeiro fator, o populismo religioso, segundo Moniz e Brissos-Lino (2024), é um subtipo de populismo político lastreado em oito estratégias: 1) liderança religiosa baseada em carisma pessoal; 2) discurso moralista e excludente; 3) trocas de favores abertamente efetuadas; 4) narrativa sectária; 5) ação em nome do divino; 6) reação nativista contra a globalização; 7) promoção de um sentimento de insegurança e; 8) obliteração do individual e sua diluição no coletivo (Moniz; Brissos-Lino, 2024).

A própria categoria de populismo religioso de fundo cristão, enquanto fenômeno de interesse para a Ciência Política, é apontado por Moniz e Brissos-Lino (2024, p. 5) como tendo sido inaugurado pela vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018:

A eleição de Jair Bolsonaro no Brasil desencadeou a noção de populismo religioso, de natureza cristã. Isso se deveu à profunda influência do tipo populista exercido por certos setores evangélicos, tanto nos movimentos sociais quanto na campanha eleitoral, no ato de posse presidencial e na constituição e apoio ao novo governo. Algo semelhante ocorreu com determinados grupos cristãos de influência política governamental nos casos de Donald

⁹ Para aprofundamento, ver: Forti (2021).

¹⁰ Umberto Eco efetua uma interessante análise acerca dos fenômenos migratórios, da construção das identidades nacionais, da utilização política do medo dos estrangeiros e do papel da mídia na criação dos estereótipos que alimentam a intolerância. Para aprofundamento, ver: Eco (2020).

¹¹ Para fins desta investigação, embora haja divergência quanto às nomenclaturas na literatura especializada, utilizar-se-á 'ultradireita' como um sinônimo para 'extrema-direita'.

Trump (Estados Unidos), Viktor Orbán (Hungria) e Matteo Salvini (Itália), bem como Vladimir Putin (Rússia), neste último caso por influência da Igreja Ortodoxa Russa. Deve-se dizer, no entanto, que todos esses casos se caracterizam pela oposição de diferentes ramos da fé cristã, tanto por parte dos papas católicos – desde João XXIII (*Pacem in Terris*), Paulo VI (o discurso na ONU), João Paulo II, Bento XVI e Francisco – quanto por setores protestantes e evangélicos contrários às posições populistas, por exemplo, no que diz respeito à questão dos migrantes, em nome de valores cristãos como os direitos humanos, a solidariedade, a justiça, a paz e a liberdade.

Em Portugal o processo teve contornos similares. De acordo com Moniz e Brissos-Lino (2014) o CHEGA, desde seu início, abriu as portas aos evangélicos (neo)pentecostais, usando como atrativo sua agenda política conservadora nos costumes. Muito embora uma parte dessa comunidade tenha ido em direção ao Partido Popular (CDS-PP), outra considerável permaneceu junto com Ventura. A decisão de apoio é explicada por Moniz e Brissos-Lino (2024, p 11):

Na raiz dessa guinada à direita em um contexto religioso, tipicamente conservador e apolítico, emergem duas razões fundamentais. Por um lado, a discussão política das chamadas causas divisivas, promovida nos últimos anos por partidos parlamentares mais à esquerda, e que envolve uma maior abertura ao aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, à legalização de drogas leves, à legislação sobre redesignação de gênero, à educação sexual nas escolas públicas e à eutanásia. Esse segmento religioso percebeu que a chamada agenda moral, particularmente no que diz respeito à moral sexual, estava sob ameaça, criando, assim, um clima de insegurança e medo. Bastou, então, que a extrema-direita, encarnada no CH [Chega], surfasse essa onda e assumisse essa pauta como bandeira política, transmitindo a sensação de dar voz a essas pessoas e de fazê-las sentir que, pela primeira vez, enquanto minoria, tinham alguém que falava por elas. Isso não é pouca coisa para indivíduos que sempre se sentiram à margem do poder político, sem influência e excluídos da condução do rumo do país. Dessa forma, o Chega passou a funcionar como um megafone conveniente para suas frustrações, sua irrelevância social e sua impotência política.

11

Acerca do segundo fator, a ideia de “excepcionalidade”, tem-se que parte da comunidade de imigrantes brasileiros sente, por razão das similaridades – linguística, fenotípica, cultural etc. – com os portugueses, que discursos anti-imigração e xenófobos são dirigidos a outras comunidades¹², criando-se a imagem de uma ‘imigração do bem’ ou de ‘boa imigração’, que não constituiria um alvo do CHEGA e de partidos similares (Rei, 2024).

O terceiro fator, o binômio entre necessidade de prospecção eleitoral por parte do CHEGA e possibilidade de voto por parte dos brasileiros legalmente residentes, também é chave explicativa para a aproximação entre esses atores. Para além de um possível apoio simbólico pela convergência de pautas, cujo valor isolado pode ser discutido, o CHEGA busca, com a aproximação aos evangélicos (neo)pentecostais brasileiros, votos que são possibilitados aos brasileiros por força de acordos diplomáticos que atribuem a ambas as nacionalidades direitos iguais no território do outro, ressalvadas algumas condições, como residir legalmente no país por um período de dois anos (Born, 2011). A simplificação para que os brasileiros residentes em Portugal adquiram direitos eleitorais

¹² Uma forma interessante de compreensão dessa excepcionalidade é a afirmação cedida por uma imigrante brasileira entrevistada por Rei (2024, s.p.): “é como se uma parte da comunidade brasileira tivesse esquecido da sua condição de imigrante. Um nepalês, uma pessoa do sul da Ásia, esse é o diferente, a gente não. É como se houvesse uma hierarquia de diferenças onde o brasileiro é menos diferente”.

permite a criação, em pouco tempo, de novas levas de eleitores, entre eles aqueles que são procurados e procuram o CHEGA como opção de voto (Rei, 2024). Conforme Rei (2024, s.p.):

Quase 400 mil brasileiros vivem de forma legal em Portugal segundo os dados da Agência para a Integração, Migração e Asilo do país divulgados em 2023. É a maior comunidade de imigrantes no país, representando 40% dos estrangeiros, e também a que tem mais direitos políticos: são os únicos que podem votar em todas as eleições, após um acordo diplomático assinado em 2001 - o que não acontece com cidadãos de outras nacionalidades. Nas eleições parlamentares deste domingo (10/3), só podem votar os portugueses e os cidadãos brasileiros residentes em Portugal com cartão de cidadão ou bilhete de identidade e estatuto de igualdade de direitos políticos.

Essa aliança entre o CHEGA e os evangélicos (neo)pentecostais brasileiros não tardou em apresentar frutos¹³. Não apenas o CHEGA obteve benefícios em forma de apoio eleitoral, mas outros partidos análogos a ele também experimentaram índices de crescimento vertiginosos, como foi o caso da Alternativa Democrática Cristã (ADN), partido¹⁴ ligado ao CHEGA, cujo salto eleitoral¹⁵ em 2024 foi impulsionado, em parte, por propaganda feita pelos pastores neopentecostais brasileiros Silas Malafaia e Marco Feliciano, este último também atualmente desempenhando o cargo de deputado federal no Brasil (Nunes, 2024a). Nery (2024) e Nunes (2024b), ainda, apontam para uma presença crescente de brasileiros - com destaque para os evangélicos - nos quadros do CHEGA, incluindo um deputado eleito para a Assembleia da República, Marcus Santos.

Nery (2024, s.p.) aponta para dois perfis principais da comunidade brasileira com relação ao CHEGA e outros partidos de extrema-direita: “[...] os que temem o crescimento da direita radical, representada pelo CHEGA, e os que apoiam o partido, muitos deles se envolvendo diretamente com a sigla”.

Por derradeiro, o quarto fator - a questão dos interesses econômicos do CHEGA em obter financiamentos de campanha - é explicável nos seguintes termos: muitos pequenos empresários são apoiadores e financiadores do CHEGA e, em seus negócios, utilizam mão de obra brasileira (Marchi, 2020), especialmente nos setores de serviços e hotelaria, necessitando, portanto, dessa mão de obra que não apenas já tem presença massiva nessas áreas, mas que também tem em comum o idioma, facilitando sua exploração. Essa necessidade econômica, em conjunto com as aproximações entre os líderes (neo)pentecostais brasileiros e o partido português - a quem os religiosos são acusados de financiar (Soares, 2020) - favorece que o CHEGA seja obrigado a modular seu discurso anti-imigração, evitando que os brasileiros sejam os principais alvos¹⁶ (Marchi, 2020).

¹³ Há, ademais, a suspeita que os líderes neopentecostais brasileiros possam ter financiado campanhas eleitorais do CHEGA (Soares, 2020).

¹⁴ Essa não foi a primeira tentativa dos evangélicos (neo)pentecostais de fundar ou apoiar um partido político. Segundo Soares (2020), em 1995 a Igreja Universal do Reino de Deus criou o Partido da Gente, sendo um fracasso eleitoral e, simultaneamente, uma demarcação de intenções de influenciar a política portuguesa em uma oportunidade melhor.

¹⁵ O referido salto eleitoral foi de cerca de 10 mil votos nas eleições de 2022 para quase 100 mil nas eleições de 2024. A ADN não conseguiu eleger parlamentares, mas teve o maior crescimento proporcional entre todos os partidos nas eleições de 2024 (Nunes, 2024).

¹⁶ Entre os alvos recorrentes do CHEGA, por outro lado, estão africanos, muçulmanos, ciganos e pessoas originárias do oriente (Lima, 2024).

5 Considerações finais

Esta investigação teve como objetivo analisar o impacto do apoio eleitoral conferido pelos brasileiros evangélicos – pentecostais e neopentecostais – radicados em Portugal ao CHEGA e se esse apoio influenciou a retórica anti-imigração adotada pelo partido em sua plataforma política.

Foram identificados quatro fatores-chave para a compreensão das relações entre o CHEGA e os evangélicos (neo)pentecostais brasileiros: 1) o populismo religioso adotado pelo CHEGA; 2) a ideia de excepcionalidade sustentada por parte da comunidade imigrante brasileira; 3) o binômio entre necessidade de prospecção eleitoral por parte do CHEGA e a possibilidade de votos pela comunidade brasileira, fruto de acordos entre Brasil e Portugal e; 4) os interesses econômicos do CHEGA. Esses fatores, em seu conjunto, permitem entender como a retórica anti-imigração tradicionalmente adotada pelo CHEGA acabou sendo modulada para não atingir os evangélicos (neo)pentecostais e, assim, permitir obter seu apoio ao partido.

Ademais, quando comparados, os perfis básicos do imigrante brasileiro em Portugal, do evangélico (neo)pentecostal e do eleitor do CHEGA, similaridades como faixa etária, nível socioeconômico e identificação político-ideológica tornam-se evidentes, em parte ajudando a explicar as razões de aproximação entre esses atores.

Concluiu-se que os fatores-chave apresentados, em conjunto com as similaridades de perfis e a falha – até o momento de escrita dessa investigação – das lideranças neopentecostais em criar para si próprias um partido político com real penetração no sistema eleitoral português, tornaram o CHEGA um destino um tanto quanto óbvio pela evidente convergência de pautas entre ambos. A relação, contudo, poderia mudar, caso houvesse um verdadeiro sucesso eleitoral por parte da Alternativa Democrática Cristã nas próximas eleições, o que, em tese, concederia aos neopentecostais um instrumento político próprio e autônomo de outras agremiações políticas.

Não obstante, ainda há uma importante ausência um corpo de trabalhos que analisem em profundidade dos dados oficiais “duros” acerca da participação específica do segmento dos evangélicos (neo)pentecostais brasileiros nos processos eleitorais portugueses. Essa lacuna impossibilita, no presente momento, a criação de uma imagem mais clara da extensão de sua influência nos recentes resultados obtidos pelo CHEGA. Futuras investigações devem atentar para a necessidade de auferir satisfatoriamente o real nível de influência desse grupo no percentual de votos do partido, permitindo assim entender a extensão do poder dos (neo)pentecostais como coletivo e, com isso, o tipo de benesses que podem ser estendidas a ele pelo partido favorecido.

Referências

ALIANÇA EVANGÉLICA PORTUGUESA. *Igreja Evangélica em Portugal vista de perto: Relatório/2023* [Online]. Aliança Evangélica Portuguesa, 2023. Disponível em: <<https://aliancaevangelica.pt/site/igreja-evangelica-em-portugal-vista-de-perto/>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ALVES, Inês Viana. *A recomposição das direitas*. a gênese do Partido Chega e a sua ação no período das eleições presidenciais portuguesas de 2021. Estudo de caso. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Porto, Porto, 2021.

- BAPTISTA, Saulo. "É uma casa portuguesa, com certeza!" A Assembleia de Deus na Covilhã. *Estudos de Religião*, v. 37, n. 1, p. 247-269, 2023.
- BOAS, Taylor C. A representação eleitoral dos evangélicos na América Latina. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 113-130.
- BORN, Rogério Carlos. O transconstitucionalismo dos direitos políticos entre os países de língua portuguesa. *Jus Gentium*, n. 10, p. 69-87, 2011.
- BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 195-215.
- CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 171-192.
- CASALECCHI, Gabriel Ávila; COELHO, Victor Alberto Bueno. Os eleitores evangélicos são mais conservadores e autoritários? *Argumentos*, v. 21, n. 2, p. 73-91, 2024.
- CAVICHIOLO, Bruno Gazalle; SILVEIRA, Rafael Alexandre. Herdeiros de Salazar? O projeto político do Chega e seus possíveis elementos de aproximação e de afastamento do ideário salazarista (2019-2022). *Teoria & Pesquisa*. Revista de Ciência Política, v. 33, p. 1-25, 2024.
- CHEGA. *Declaração de princípios e fins* [Online]. s.d. (a). Disponível em: <<https://partidochega.pt/index.php/declaracao-principios/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- CHEGA. *Manifesto para a Europa* [Online]. s.d. (b). Disponível em: <<https://partidochega.pt/index.php/manifesto-para-a-europa/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- CHEGA. *Manifesto Político Fundador* [Online]. s.d. (c). Disponível em: <<https://partidochega.pt/index.php/manifesto/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- CHEGA. *Programa Político 2021* [Online]. Disponível em: <https://partidochega.pt/index.php/programa_politico/>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- ECO, Umberto. *Migração e intolerância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- EUROSTAT. *Demography of Europe - 2024 Edition* [Online]. European Statistical Office, 2024. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/eurostat/cache/interactive-publications/demography/2024/01/index.html>>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- FORTI, Steven. *Extrema derecha 2.0. qué és y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI, 2021.
- FORTI, Steven. *Democracias en extinción. el espectro de las autocracias electorales*. Madrid: Akal, 2024.
- FRESTON, Paul. *Evangelicals and politics in Asia, Africa and Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2001.

GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença política. *Diversidade Religiosa*, v. 7, n. 2, p. 69-100, 2017.

GRACINO JR., Paulo. “Jesus made in Brazil”: notas sobre a transnacionalização do pentecostalismo brasileiro para Portugal. *Horizonte*, v. 9, n. 22, p. 416-445, 2011.

GRACINO JR., Paulo. “Fluxos e fronteiras”: mapeando o pentecostalismo brasileiro em Portugal. *Civitas*, v. 14, n. 3, p. 484-506, 2014.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INE (Instituto Nacional de Estatística). *População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013) e Religião* [Online]. Instituto Nacional de Estatística, 2021. Disponível em: <<https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011644>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LIMA, João Gabriel de. Ultradireita de Portugal poupa brasileiros em discurso anti-imigração [Online]. *Folha de São Paulo*, 25 maio 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/05/ultradireita-de-portugal-poupa-brasileiros-em-discurso-anti-imigracao.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

LOSCHI, Marília; FERREIRA, Claudia. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. *Agência IBGE Notícias*, 6 jun. 2025. Disponível em: <[MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. *Em Tese*, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais#:~:text=O%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%20de%202022,4%20pontos%20percentuais%20(p.p.)>. Acesso em: 26 maio 2026.</p></div><div data-bbox=)

MARCHI, Riccardo. *A nova direita anti-sistema*. o caso do Chega. Lisboa: Edições 70, 2020.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

MONIZ, Jorge Botelho; BRISSOS-LINO, José. Religious populism in Portugal: The cases of Chega! and CDS – People’s Party. *Análise Social*, v. 59, n. 251, p. 2-30, 2024.

MUDDE, Cas. *O regresso da ultradireita*. da direita radical à direita extremista. Lisboa: Presença, 2020.

NERY, Laila. Por que brasileiros anti-imigração se filiam ao partido Chega, em Portugal [Online]. *UOL*, 16 mar. 2024. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/03/16/violencia-e-presenca-do-pcc-brasileiros-anti-imigracao-em-portugal.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NUNES, Vicente. Migração de evangélicos provoca aumento de igrejas em Portugal [Online]. *Correio Braziliense*, 23 jan. 2023. Disponível em:

<<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2023/01/5068088-migracao-de-evangelicos-provoca-aumento-de-igrejas-em-portugal.html>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NUNES, Vicente. Evangélicos brasileiros mostram força nas eleições de Portugal [Online]. *Correio Braziliense*, 13 mar. 2024a. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/mundo/2024/03/6817569-evangelicos-brasileiros-mostram-forca-nas-eleicoes-de-portugal.html>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NUNES, Vicente. A real de Portugal: portugueses se dizem horrorizados com apoio de brasileiros à ultradireita [Online]. *Correio Braziliense*, 18 jan. 2024b. Disponível em: <<https://blogs.correiobrasiliense.com.br/vicente/a-real-de-portugal-portugueses-se-dizem-horrorizados-com-apoio-de-brasileiros-a-ultradireita/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

PEREIRA, Francisca Paula de Albuquerque. *Discurso de ódio e antidemocrático da extrema-direita: os impactos para a erosão democrática e o aumento de violência contra minorias*. 2023. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação) – Universidade do Porto, Porto, 2023.

REI, Joana. Brasileiros em Portugal estão divididos entre o medo da direita radical e apoio ao Chega [Online]. *BBC News Brasil*, 9 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c515257dpg9o>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos. Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 97-113, 2014.

ROSAS, Nina. Notas sobre evangélicos, política e gênero a partir das eleições de 2022. *Debates do NER*, a. 22, n. 42, p. 65-82, 2023.

SILVA, César Augusto Silva da; LOBO, Isabela Ferreira Carneiro. Fronteiras do medo: a retórica da ameaça como instrumento político contra imigrantes internacionais. *Revista Tempo do Mundo*, n. 35, p. 73-95, 2024.

SILVEIRA, Rafael Alexandre; CAVICHOLI, Bruno Gazalle. As novas (extremas-) direitas ibéricas entre o neopatriotismo e os legados autoritários: os casos do Vox e do Chega! In: GALLO, Carlos Artur; CAVICHOLI, Bruno Gazalle; SOUZA, Laura Feijó de; COSTA, Máira Pereira da; SILVEIRA, Rafael Alexandre (orgs.). *Políticas de memória, democracia e sociedade: novas contribuições, perspectivas e experiências*. Pelotas: Núcleo de Pesquisa sobre Políticas de Memória, 2025, p. 433-442.

SOARES, Pedro Filipe. André Ventura e as seitas evangélicas [Online]. *Pública*, 22 maio 2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/05/22/opiniao/noticia/andre-ventura-seitas-evangelicas-1917614>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SOUZA, Reginaldo dos Santos. *Uma perspectiva política do perfil dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus da Cidade de São Carlos – SP*. 2024. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2024.

VIECELI, Leonardo. IBGE não detalha dados de evangélicos no Censo e aponta dificuldade para divulgação [Online]. *Folha de São Paulo*, 6 jun. 2025. Disponível em: <<https://folha.com/mw3qpufz>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

Artigo recebido em: 19/07/2025.

Aprovado em: 05/02/2026.

Bruno Gazalle Cavichioli (brunocavichioli@unipampa.edu.br) é Professor do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Santana do Livramento. Doutor e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com Estágio Doutoral realizado junto ao Centre d'Estudis sobre Dictadures i Democràcies (CEDID), da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Espanha. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Pesquisa sobre Políticas de Memória (NUPPOME/UFPel).

“Imigrantes do bem”? O CHEGA entre a retórica anti-imigração e a busca do apoio dos evangélicos (neo)pentecostais brasileiros

Resumo. Esta investigação analisa o impacto do apoio eleitoral conferido pelos brasileiros evangélicos (neo)pentecostais ao partido português de extrema-direita CHEGA e se esse apoio influencia a retórica anti-imigração adotada pelo partido. A análise qualitativa e quantitativa efetuada, embasada em fontes primárias e secundárias, teve como hipótese norteadora que a necessidade de prospecção de eleitorado, por parte do CHEGA, e a identificação de um público-alvo apropriado e tendencialmente conservador na comunidade de imigrantes evangélicos (neo)pentecostais brasileiros radicados em Portugal permitiu que houvesse uma modulação da retórica do partido para atrair uma possível nova fonte de eleitorado. Concluiu-se que a necessidade de crescimento do CHEGA e a disponibilidade de um público eleitoralmente aproveitável como os evangélicos (neo)pentecostais proporcionaram, em seu conjunto, o deslocamento da retórica anti-imigração tradicional do partido para alvos alheios à comunidade brasileira, passando a ser voltado em desfavor de outras nacionalidades que anteriormente não recebiam particular atenção de suas políticas.

Palavras-chave: Imigração; CHEGA; Evangelismo neopentecostal; Extrema-direita; Preferência eleitoral.

“Good immigrants”? CHEGA Between Anti-Immigration Rethoric and the Pursuit of Support from Brazilian (Neo)Pentecostal Evangelicals

Abstract. This study analyzes the impact of electoral support given by Brazilian (Neo)Pentecostal evangelicals to the Portuguese far-right party *CHEGA*, and whether this support influences the party's anti-immigration rhetoric. The qualitative and quantitative analysis, based on primary and secondary sources, was guided by the hypothesis that *CHEGA*'s need to expand its electorate, combined with the identification of a suitable and generally conservative target audience within the Brazilian (neo)Pentecostal evangelical immigrant community in Portugal, enabled a modulation of the party's rhetoric to attract this potential new voter base. The study concludes that *CHEGA*'s growth ambitions, coupled with the availability of an electorally valuable group such as the (neo)Pentecostal evangelicals, contributed to a shift in the party's traditional anti-immigration discourse. As a result, the

focus moved away from the Brazilian community and was redirected toward other nationalities that had not previously been central targets of its immigration policies.

Keywords: Immigration; CHEGA; Evangelical neo-pentecostalism; Authoritarianism; Far-right; Electoral preference.